



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - DF
FACULDADE UNB PLANALTINA - DF
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

DINOLAU DA SILVA ROSA

**O SABER POPULAR DA COMUNIDADE KALUNGA SACO GRANDE
SOBRE OS USOS DE PLANTAS MEDICINAIS.**

Planaltina-DF
2014

DINOLAU DA SILVA ROSA

**O SABER POPULAR DA COMUNIDADE KALUNGA SACO GRANDE
SOBRE OS USOS DE PLANTAS MEDICINAIS.**

Monografia apresentada a Universidade de Brasília – DF, Faculdade UnB Planaltina – DF - LEdoC Licenciatura em Educação do Campo, Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Apresentada pelo acadêmico Dinolau da Silva Rosa

Orientador: Prof. Jair Reck

Planaltina-DF
2014

DINOLAU DA SILVA ROSA

**O SABER POPULAR DA COMUNIDADE KALUNGA SACO GRANDE
SOBRE OS USOS DE PLANTAS MEDICINAIS.**

Monografia de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo, defendida em _____ de _____ de 2014 e aprovada com nota _____ pela Banca Examinadora.

**Prof. Dr. Jair Reck
(Orientador)**

**Prof. Dr. João Batista Pereira de Queiroz
(Examinador)**

**Prof^ª. Msc. Wanessa de Castro
(Examinadora)**

Aos colegas e profissionais da educação do campo, em especial a educação quilombola, dedico este trabalho como forma de reconhecimento do importante fazer pedagógico desenvolvido em prol de perspectivas melhores de vida, seja na cultura, na educação, nas relações ambientais e produtivas.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela proteção, saúde e sabedoria.

Familiares, amigos, educadores e educandos pelo constante carinho e apoio na conquista de mais esta importante meta profissional.

Ao orientador prof. Dr. Jair Reck, minha esposa Orotida Pereira das Virgens, minha filha Ludielly Pereira da Silva, aos meus pais: Jorge da Silva Santiago e Hermina dos Santos Rosa e todos os colegas da turma 4 Panteras Negras.

“A ausência de instrução formal não é sinônimo de ausência de conhecimento”.

ELISABETSKY - 2002.

RESUMO

A pesquisa Bibliográfica e Exploratória, abordando o tema; **O saber popular da Comunidade Kalunga Saco Grande sobre os usos de plantas medicinais é um** trabalho científico que envolve pesquisas de variados autores, estudo de artigos sobre o tema. É um estudo de caso na referida comunidade sobre o dia a dia dos quilombolas e o uso de Plantas Medicinais no tratamento de doenças comuns, acidentes, feridas e picadas de insetos, entre outros. Através de entrevistas de pessoas da comunidade e observações do dia a dia, o tema é apresentado de maneira contextualizada, dialogando saberes populares sobre o uso de plantas medicinais e os saberes e conhecimentos científicos mediados pela prática pedagógica, à historicidade e as perspectivas da formação em Licenciatura em educação do campo – LEDOC para a educação quilombola.

Palavras – Chaves: Educação do Campo; Saberes Populares Quilombolas; Plantas Medicinais.

ABSTRACT

The bibliographical research and exploratory, addressing the theme; Popular knowledge of the community Kalunga big bag on the uses of medicinal plants is a scientific work that involves research of various authors, study of articles on the topic. Is a case study in the community about the everyday life of the Maroons and the use of medicinal plants in the treatment of common diseases, accidents, injuries, and insect bites, among others. Through interviews of people in the community and day to day observations, the theme is presented in a contextualized, dialoguing lore about the use of medicinal plants and knowledge and scientific knowledge mediated by pedagogical practice, the historicity and the prospects of training in field education licensure-LEDOC quilombola education.

Key words: education of the field; Quilombolas Lore; Medicinal Plants.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – LEDOC - LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: REALIDADE, CONTEXTUALIDADE E PERSPECTIVAS NO ESPAÇO QUILOMBOLA	12
CAPÍTULO II - O SABER POPULAR E A IMPORTÂNCIA DO USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SACO GRANDE – KALUNGA	15
CAPÍTULO III – O SABER POPULAR SOBRE O USO DE PLANTAS MEDICINAIS PESQUISADAS E AS CONTRIBUIÇÕES PARA O FAZER PEDAGÓGICO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SACO GRANDE – KALUNGA – MONTE ALEGRE DE GOIÁS	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
ANEXOS	33

INTRODUÇÃO

A Licenciatura em Educação do Campo, LEDOC, é vista na realidade e contextualidade atual no espaço quilombola como importante perspectiva de melhoria de vida nas comunidades rurais, ou seja, no campo e em especial no espaço quilombola. Porque é através de formação que os educadores poderão melhorar e significar a aprendizagem dos educandos, buscando assim mediar um ensino com segurança, domínio do fazer pedagógico, entre outras.

O saber popular é de suma importância, no contexto deste trabalho sobre o uso de plantas medicinais na Comunidade Quilombola Kalunga Saco Grande. Esses saberes ao longo de séculos serviram e ainda servem de recursos de primeiros socorros em casos de doenças, acidentes, ferimentos simples do dia a dia, picadas de insetos e animais peçonhentos.

A pesquisa sobre o saber popular e o uso de Plantas Medicinais na Comunidade Quilombola Saco Grande – Kalungas de Monte Alegre de Goiás foi realizada utilizando-se das ferramentas metodológicas: observação, entrevista às pessoas mais velhas da comunidade, sendo três pessoas que representam a comunidade Jorge da Silva Santiago, 56 anos é Agente Comunitário de Saúde, Hermina dos Santos Rosa, 52 anos, é lavradora e muito respeitada na comunidade, Manoel da Silva 85 anos, é o mais velho e é benzedor. A pesquisa e as entrevistas possibilitaram a catalogação das plantas, com os nomes populares, científicos e indicações, algumas delas fotografadas, especialmente as próximas a escola levantamento bibliográfico de artigos científicos e livros de autores especializados no tema abordado, entre eles: BAIOCCHI, BARBOSA, BORELL, CASTRO, DOURADO, DIEGUES, FREIRE, GIDDENS, GRAMSCI, HOGAN, LIMA, PESSOA, PINTO, RECK, SARAIVA, entre outros.

O trabalho tem como objetivos pesquisar o uso de plantas medicinais na Comunidade Saco Grande – Kalunga – Monte Alegre de Goiás, de modo a dialogar com os saberes populares e os saberes científicos mediados na escola. Preservar os saberes locais, valorizar a cultura local, enriquecer o trabalho pedagógico em sala de aula, debater, contextualizar e apontar as perspectivas da formação em Licenciatura em Educação do campo – LEDOC para uma educação de qualidade e significativa para os quilombolas.

A pesquisa aponta diálogos entre os saberes populares e científicos, tendo na educação mediadora, o caminho para se fazer valer os direitos de preservação e

divulgação consciente dos valores sociais, culturais e econômicos de comunidades tradicionais, em especial o da comunidade quilombola Kalunga.

O trabalho aborda as contribuições para o fazer pedagógico na Comunidade Quilombola Kalunga através dos saberes populares, em especial sobre o uso de plantas medicinais pesquisadas e muitas outras que certamente existem e são utilizadas, além das que ainda estão por serem conhecidas, além um grande potencial para o desenvolvimento de projetos pedagógicos que viabilizem tais estudos, mapeamento e valorização dos costumes e saberes dos (as) quilombolas.

O trabalho que se segue é dividido em três capítulos, No primeiro aborda a formação superior em Licenciatura em Educação do Campo - LEDOC, realidade, contextualidade no espaço quilombola e perspectivas, No segundo, destaca o Saber Popular sobre o uso de Plantas Medicinais na Comunidade Quilombola Kalunga Saco Grande - Monte Alegre de Goiás. Já no capítulo terceiro, a discussão sobre as contribuições para o processo pedagógico na Comunidade Quilombola Kalunga através dos saberes populares, em especial sobre o uso de plantas medicinais e considerações finais. Espera-se com este trabalho contribuir com os estudos de outros quilombolas, preservação dos valores culturais da comunidade, entre outros.

CAPÍTULO I

LEDOC – LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: REALIDADE, CONTEXTUALIDADE E PERSPECTIVAS NO ESPAÇO QUILOMBOLA

Reck (2014, P.14) aponta a realidade no campo, que de modo geral, está presente em quase todas as escolas: faltam quadras cobertas, laboratório de informática, laboratório na área de ciências; há necessidade de bibliotecas, pois a maioria na verdade não tem biblioteca. Há casos em que ocorre a junção de turmas, sem que o professor (a) tenha clareza de como realizar uma ação pedagógica neste contexto, sem uma qualificação para tal. Além disso, em muitos casos não há presença de coordenador pedagógico devido aos critérios que não consideram a realidade diferenciada do campo.

Para o autor acima citado, o poder público, portanto, está com uma grande demanda para melhorar a qualidade nessas escolas. Diante das precariedades de condições de infra-estrutura e pedagógicas, nos dá a noção clara, do porque, as escolas do campo continuam do jeito que estão: historicamente relegadas nos marcos das constituições e conseqüentemente das políticas públicas.

Essa é realidade retratada que segundo os estudos, pode ser observada em todo o Brasil. Na Comunidade Quilombola Kalunga Saco Grande, a principal dificuldade da educação do campo está na falta de infra-estrutura física, pois faltam prédios adequados à demanda existente. Além da necessidade de cursos de profissionalização pedagógica para os educadores que trabalham nas escolas quilombolas.

Hoje, com a presença da Universidade, através do curso de Licenciatura em Educação do Campo - LEDOC, a formação superior é uma das maiores conquistas por parte dos educadores que trabalham nas comunidades quilombolas.

Essa Licenciatura é um curso de formação superior regular, ofertado pela Universidade de Brasília (UnB). Sua forma pedagógica através da Alternância, subdividido em etapas ou tempos: Tempo Universidade/Escola e Tempo Comunidade, de forma a estabelecer um diálogo entre ambas. Tal curso, objetiva a formação de educadores para o exercício da mediação pedagógica em sala de aula para as séries finais do ensino fundamental e do ensino médio, além de gestão dos processos pedagógicos da escola e da comunidade.

O curso trabalha com uma matriz curricular com estratégias interdisciplinar e transdisciplinar enquanto organização do trabalho pedagógico que envolve os componentes curriculares. As áreas de habilitação ofertadas são: I – Ciências da Natureza e Matemática e II - Linguagens.

O público-alvo é específico, voltado a moradores ou trabalhadores da área rural que queiram trabalhar como educadores nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. O curso surgiu devido à necessidade de superar alguns desafios, entre eles: a diferença do índice de escolaridade entre pessoas que vivem no campo e as que vivem na cidade, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2007 que revelam que a escolaridade das pessoas que vivem no campo é de, em média, 4,5 anos. Em contrapartida, a população das cidades estuda cerca de 7,5 anos.

Nesse sentido, manter o educador e o educando no campo é um dos desafios que mais intriga os movimentos sociais da área e os demais defensores da causa da educação do campo para o cidadão do campo. O curso vem contribuir para que este desafio diminua em nível de distância da realidade exposta.

A metodologia que a UnB adota, a pedagogia da alternância, permitindo com que os estudantes trabalhadores não necessitam abandonar o serviço para estudar, é organizada em: tempo-escola/universidade, com aulas em média, 55 dias na universidade, onde, se dá também a preparação do material que será utilizado na comunidade; E tempo-comunidade. Momento em que os acadêmicos partilham o saber com a comunidade de origem, pesquisam e organizam suas práticas pedagógicas, planejam, cumprem os estágios curriculares em seu próprio espaço de ensino formal, as escolas do campo.

Em se tratando de educação do campo, a Licenciatura específica, facilita o diálogo entre escola e comunidade, de modo a construir perspectivas futuras de vida integradoras, atendendo as demandas locais e regionais, coerentes com um projeto de campo que busque valorizar igualmente o campo e a cidade conforme preconiza Reck:

Se nós queremos realmente uma sociedade justa, uma sociedade igualitária, onde se possa viver e conviver com dignidade, temos que falar de campo e cidade, discutindo Reforma Urbana, Reforma Agrária, para que todos possam ter condições de vida. Até porque não tem um na cidade que não come pela manhã, no café, no almoço e na janta, produtos da terra, especialmente da pequena propriedade, da pequena e média agricultura familiar, que é quem produz nossa cesta básica. (RECK, 2014, p. 20).

A educação do campo, enquanto licenciatura, surge então do anseio e das lutas dos sujeitos do campo (pequenos agricultores familiares, entre outros), responsáveis pela produção da maior parte de tudo que consumimos. É justamente nas pequenas propriedades e nos assentamentos de agricultores familiares que a educação campo é vista como uma necessidade de ajustes, de realinhamento de valores, seja cultural, sociais e econômicos. O Brasil precisa observar e atender a esta demanda, enquanto políticas públicas de educação, cultura, desenvolvimento social, desenvolvimento da agricultura familiar. Embora já burocracia, falta de organização social e jurídico-administrativa no campo, entre outras, existam algumas políticas públicas para essas demandas, alguns empecilhos dificultam o acesso aos benefícios que as mesmas garantem, entre eles:

Cabe a educação contribuir com a transformação desta realidade, capacitando os seus educandos para agir e interagir em todas as esferas governamentais e não governamentais, a fim de superar desafios e melhorar as condições de vida das comunidades. A Licenciatura em educação do Campo-LEDOC, pode ser um dos grandes avanços para tais conquistas. Educadores melhor preparados podem causar inquietação na comunidade, o que resulta em novos pensares, novas concepções de sociedade e de sustentabilidade.

CAPÍTULO II

O SABER POPULAR E A IMPORTÂNCIA DO USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SACO GRANDE - KALUNGA

BAIOCHI (2001) caracteriza o espaço quilombola como sendo de um significado que envolve o sentimento de território, considerado um lugar sagrado e ainda uma planta que nunca seca, a SIMABA FERRUGÍNEA, que representa o poder e a ancestralidade, valorizando a memória dos antepassados africanos, que primeiro se enraizaram naquelas terras, transformando o espaço geográfico, fortalecendo sua identidade. É fato que a significância territorial é, portanto, uma das dimensões quilombolas mais importantes para estudos, valorização e preservação, ao tratar de algo de grande valor para o bem social, cultural e econômico.

Os entrevistados nessa pesquisa, são pessoas simples, com rica bagagem de conhecimentos das plantas, e de outros saberes próprios da cultura local. Jorge da Silva Santiago tem 56 anos é Agente Comunitário de Saúde. Hermina dos Santos Rosa tem 52 anos, é lavradora e muito respeitada na comunidade. Manoel da Silva 85 anos, é o mais velho da comunidade. É um benzedor muito procurado para benzimentos contra mau olhado, quebranto, dor de dente, dor de cabeça de sol, espinhela caída, entre outros.

Essa comunidade de negros foi formada originalmente por descendentes de escravos, que fugiram das minas do cativo e se esconderam ali, devido ser um local de difícil acesso, se organizando em um quilombo, que ficou reconhecido como Kalunga. Esses quilombos formaram comunidades localizadas nos três municípios de Goiás: Teresina, Monte Alegre e Cavalcante.

Para Lima (2011), toda a área ocupada pelos Kalungas foi reconhecida oficialmente em 1991 pelo governo do Estado de Goiás como Sítio histórico Kalunga, parte essencial do patrimônio histórico e cultural brasileiro. Os primeiros africanos trazidos como escravos para o Brasil vinham da costa da África ocidental. Eram povos que aqui ficaram conhecidos como negros, guinés, minas, congos, cabinas, benguelas e muitos outros nomes, que geralmente designava o ponto de embarque de onde tinham vindo, e não o povo da civilização a que pertenciam. (LIMA E ALMEIDA, 2011).

No começo, os quilombolas para continuarem com sua liberdade tiveram que aprender a sobreviver na mata, e por isso precisaram de conhecimento sobre a natureza, identificando espécies de árvores, barros para fazer as panelas e as suas residências, observação das épocas de chuvas e seca para o plantio de mandioca, feijão arroz, milho e outros alimentos para subsistência.

De acordo com Saraiva (2012), o cerrado brasileiro é atualmente uma rica savana, que reúne uma grande variedade de fauna e flora, numa extensão de dois milhões de km quadrados, um mosaico de vegetação. Parte dessa riqueza do cerrado ainda pode ser encontrada nas comunidades quilombolas, como a comunidade Saco Grande.

Várias espécies de plantas medicinais representam a riqueza da biodiversidade local, entre elas destacamos a título de exemplo, o velame branco, carrapicho e barbatimão.

Os quilombolas também passaram a conhecer naqueles lugares de cerrado, a utilidade das plantas, que servissem como remédio na cura de enfermidades. Na comunidade Saco Grande o número de plantas medicinais que eles sabem utilizar é extraordinário, sendo que parte desse conhecimento das plantas, foram aprendidos com os índios. O povo dependia do conhecimento da natureza para sua sobrevivência, então aprendeu a preservá-la e respeitá-las, para que esses recursos pudessem ser utilizados por seus filhos, netos e bisnetos. Esse conhecimento ainda permanece no modo de vida dos Kalungas, mas muitos usos de plantas medicinais estão sendo esquecidos, principalmente porque os velhos estão morrendo e os jovens não estão valorizando a importância desses saberes.

O conhecimento tradicional pode ser entendido como “o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração” e somente pode ser corretamente interpretado dentro do contexto cultural em que é gerado (DIEGUES; ARRUDA, 2001, p. 31).

Na concepção de alguns autores, as práticas relacionadas ao uso popular de plantas medicinais são o que muitas comunidades têm como alternativa viável para o tratamento de doenças ou manutenção da saúde. Porém, sua continuidade pode ser ameaçada pela interferência de fatores externos à dinâmica social do grupo como, por exemplo: maior exposição das comunidades às pressões econômicas e culturais externas; maior facilidade de acesso aos serviços da medicina moderna; deslocamento das pessoas de seus ambientes naturais para regiões urbanas, o que leva à perda do conhecimento

popular acumulado há várias gerações e, conseqüentemente, ao seu desaparecimento (PINTO; AMOROSO; FURLAN, 2006).

Na comunidade em estudo, as pessoas têm o hábito de usar as plantas medicinais. Só que essa tradição está sendo interrompida ao longo do tempo, pois os mais velhos estão morrendo e os mais novos não estão conseguindo lembrar algumas receitas. Muitos jovens estão deslocando-se para a cidade em busca de melhores condições de vida.

O saber popular é o saber que orienta as pessoas a um melhor caminho a seguir, a melhor atitude a adotar nos diferentes contextos que a vida apresenta em seus espaços ambientais e convivências sociais, a partir do conhecimento próprio e rotineiro do povo sobre os remédios caseiros, preparo do solo e épocas de plantio, preparo de culinárias típicas, a leitura do tempo e do espaço ambiental, entre outros conhecimentos da vasta cultura popular.

Embora percebe-se que há certos preconceitos contra o saber popular, é justamente ele que abre muitos dos caminhos para o saber científico, sistematizado que por vezes apropria-se de verdades comprovadas por experiências trazidas desde o conhecimento empírico. É dentro do contexto de vivências que o saber popular tem seus significados próprios e pode ser compreendido e interpretado em toda a sua especificidade. É justamente neste contexto, que sempre se pode observar uma relação mais positiva entre o ser humano e o meio ambiente, o que não se pode ver com maior frequência nos espaços de saberes e conhecimentos científicos, esses atrelados a outras concepções e verdades, muitas vezes distantes de valores de preservação dos animais e do meio ambiente em geral.

Segundo MORRY (2003), a sociedade moderna traçou uma relação com a natureza marcada, principalmente, pelo mito da natureza inesgotável, resultando na ausência de preocupação com a manutenção da biodiversidade, dos recursos naturais e do conhecimento acumulado por comunidades locais. Observa-se que ao se pensar no meio ambiente como fonte inesgotável de uso, o homem aos poucos foi perdendo a identidade cultural, resultado também de intervenções da globalização, da tecnologia avançada, do acesso rápido a tudo que o mundo moderno pode ofertar.

A cultura do consumismo também afeta a saúde das pessoas, justamente por oferecer as mais avançadas fórmulas de solução estética e cura de doenças variadas. Muitas vezes as promessas milagrosas não passam de fórmulas de risco para a saúde. E muitos, devido à falta de conhecimentos e conscientização, tomam medicamentos sem

prescrição médica e acabam intoxicando, agravando outros problemas de saúde ou até mesmo morrem.

Nos espaços urbanos os saberes populares no uso de plantas medicinais é um assunto que causa certo espanto ou risos. Somente pessoas mais velhas, poucas delas, cultivam em vasos ou no próprio quintal algumas plantas consideradas medicinais e muitas delas nem se quer as usam, preferem os medicamentos farmacêuticos. Resgatar a relação homem, espaço e vivências tem sido muito estudado no meio acadêmico, principalmente por acadêmicos que desejam uma sustentabilidade econômica em suas comunidades em harmonia com o meio ambiente e a cultura local.

A práxis utilitária cotidiana cria 'o pensamento comum' — em que são captados tanto a familiaridade com as coisas quanto a técnica de tratamento das coisas — como forma de seu movimento e de sua existência. O pensamento comum é a forma ideológica do agir humano de todos os dias. (KOSIK, 1976, p.15).

E é por meio de pesquisas e observações do cotidiano de um determinado espaço que podemos coletar dados e informações que melhor enriqueçam o papel de educador mediador da aprendizagem. Consideramos que ao propor-se o diálogo entre saber científico com o saber popular, os resultados serão satisfatórios e propícios à formação de um cidadão consciente, ativo e agente transformador de sua realidade para o bem estar de todos.

Os entrevistados colocaram essas questões de forma simples, porém com anseio de mudanças no desempenhar das funções e obrigações da escola e do educador,

Bom mesmo seria escrever um livro das plantas nossas aqui, com desenhos bem coloridos igual esses livros da escola. Agente podia guardar nossos saberes para sempre, aí os mais novos podiam quando quisesse usar. (Entrevistada II).

Fica clara a preocupação e a chamada urgente da escola para as vivências sociais, culturais e econômicas da comunidade. Neste contexto surge a necessidade de a instituição educacional utilizar saberes locais para mediar a aprendizagem de conhecimentos científicos e assim preservar saberes populares para que todas as gerações tenham o direito de acesso aos mesmos.

Observa-se que a maior parte dos saberes das comunidades quilombolas estão guardados na memória das pessoas mais velhas, necessitando então de registros em

vídeos, livros e outros. O tema plantas medicinais é um desses saberes que muito necessita de registros, pois algumas plantas e receitas tradicionais medicinais só existem na memória dos mais velhos. Neste trabalho, por exemplo, algumas plantas não foram ainda encontradas catalogadas cientificamente, o que dificulta no futuro a identificação e uso das mesmas.

Vejamos no quadro abaixo os dados coletados sobre os saberes e modos de fazer e utilizar das plantas medicinais da comunidade Saco Grande - Kalunga Monte Alegre de Goiás.

**NA PÁGINA SEGUINTE QUADRO DAS PLANTAS MEDICINAIS DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA SACO GRANDE, KALUNGA – MONTE
ALEGRE DE GOIÁS.**

Nome Popular	Família	Nome científico	Etnoindicação	Forma de uso
Aroeira	Anacardiaceae	Miracrodum urundeuva engl	Fraturas, depurativo, expectorante, cicatrizante, úlceras,	Chá, emplasto, xarope, molho na água
Araçá do cerrado	Myrtaceae	Psidium araca raddi	Cicatrizante	Emplasto
Arnica do mato		Eupatorium odoratum l	Bursite, inflamações, inchaço, fraturas, reumatismo, gripe, tosse, resfriado, sarampo, catapora	Chá, emplasto
Arnica de casa(quitoco)		Pluchea sagitalis (lam.) Cabrera	Todas as infecções, depurativo do sangue, dores musculares, dores estomacais	Chá, emplasto, sumo
Assa-peixe		Vernonia scabra pers	Contra pragas, tosse, doenças do pulmão, dores estomacais, rins, dores no tórax, inflamações uterinas, tuberculose	Chá
Ananás (abacaxi do mato)		Ananas ananassoides(baker) d.b.sm	Gripe e asma	Xarope caseiro
Algodãozinho do mato	Bixáceas, co- chlospermáceas	cochlospermum insigne uy	Infecções uterinas, cólicas menstruais	Raiz e cascas - chá
Alecrim do campo Vassourinha	asteraceae, compositae.	Baccharis dracunculifol ia	Combate a dengue e cáries, febre, problemas hepáticos, disfunção estomaca l e feridas.	Chá
Arrebenta boi	Campanulácea	Isotoma longiflora, hippobroma longiflora, lobetia longiflora	Retirar espinhos, furúnculos, bernes,	A fruta partida ao meio, esquenta ao fogo e coloca em cima para puchar/retirar o espinho, o furúnculo e o berne.
Amescla de cheiro, mirra, incenso,	<i>Burseraceae</i>	Protium heptaphyllum (aubl.)	Sinusite aguda – afasta maus espíritos	Resina - queimar em brasas e cheirar para sinusite, queimar uma vasilha com brasas e defumar a casa
Batatão (batata de purga) Jalapa- brasileira	Convolvulaceae	Operculina macrocarpa (linn) urb. Convolvulus macrocarpus linn	Depurativo do sangue e sequelas de avc. Depurativa contra moléstias da pele e no tratamento da leucorréia.	Raiz – ralada e posta de infusão no sereno em cocho de madeira de sambaíba ou simbaba ou feito comprimidos para tomar 3 vezes ao dia, ainda retirada do suco (leite) transformado em espécie de porvilho e que depois faz comprimidos.
Bacuri (coco)		(<i>attalea phalerata</i>)	Curar cegueira	Água do coco para passar nos olhos
Barbatimão	Fabaceae.	Stryphnodendron barbatiman	Úlceras, feridas, impigens, doenças da pele, afecções da garganta, corrimento vaginal, leucorréia, gonorréia, catarro uretral e vaginal; colite, diarréia, escorbuto, anemias, hemoptises, hemorragia uterina, gastrite, úlcera gástrica, câncer, afecções	Chá da casca, folhas e emplastos, garrafadas

			hepáticas, diabetes, thérnia.	
Babosa		Aloe vera	Câncer, inflamações em geral, cicatrizante, hidratante de cabelos e pele, entre outras	Emplasto, óleo, comprimidos, cremes, shampoo, entre outras.
Baru	Fabaceae (leguminosae-papilionoiideae)	Dipteryx alata vogel	Inflamações em geral, problemas na coluna, anemias	Casca: de infusão no sereno – tomar doses pequenas. Semente/castanha (comer normalmente crua ou torrada)
Boldo caseiro			Problemas estomacais, inflamações do fígado, indigestão	Sumo das folhas ou chá para beber
Carrapicho carneiro			Infecções em geral, febres, dores musculares, anemia, hepatite	Chá quente e banho
Caninha de macaco	Zingiberaceae	Costus spicatus	Problemas nos rins	Chá ou infusão em cocho de sabaíba ao sereno por uma noite e beber
Capim pé de galinha	Gramineace	Eleusine indica	Infecções em geral	Chá da planta toda com as folhas e a raiz
Capim santo ou capim de cheiro	<u>poaceae</u>	<u>cymbopogon (nardus) citratus</u>	Febres, nervosismo, gripes alérgicas, sinusite	Chá quente das folhas e raiz, banho da cabeça
Cansansão	Euphorbiaceae	Cnidoscopus pubescens	Câncer, tuberculose, inflamações nas articulações, infecções no intestino, depurativo do sangue	Chá da raiz, ou colocar a raiz machucada de infusão em cocho de sabaíba no sereno uma noite
Crista de galo mato		<i>Não encontrado</i>	Inflamações do intestino	Chá, beber em pequena quantidade
Erva doce	Apiaceae,	<i>Pimpinella anisum</i>	Dores no tórax, nervosismo, atrai amor e paz	Chá quente para dores e nervosismo, banhos para atrair amor e paz
Fedegoso	Leguminosas-caesalpiniáceas	<i>Senna occidentalis</i> (l.) Link (=cassia occidentalis l.).	Infecções em geral, febres, maleita, dengue, constipação, reumatismo, tuberculose	Chá bem quente da raiz sapecada ao fogo
Fedegoso bravo (mata passo ou mata pasto)	Leguminosas	Careroqui, <i>cassia sericea</i> linneo, <i>cassia falcata</i> , <i>cassia alata</i>	Coceiras, pano branco, frieiras	Emplasto e banho
Mastruz		Chenopodium ambrosioides	Antibiótico contra todo o tipo de inflamação e infecções, vermes	Chá das folhas com água ou leite de vaca
Carapiá ou garapiá do cerrado	moraceae	<i>Dorstenia brasiliensis</i> lam.	Infecções em geral, dores de cabeça, febres, contra vermes	Chá da raiz
Jatobá	<i>Hymenaea</i>	fabaceae - <u>caesalpinoideae</u>	Infecções, doenças dst, corrimentos genitais,	Chá da casca, infusão ao sereno e beber 3 vezes ao dia.
Jacarandá	<u>bignoniaceae</u>	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	Infecções, cicatrizante	Chá da entre-casca,
Gervão do cerrado		Stachytarpheta chamissonis	Anemia, tuberculose, sarampo, catapora	Chá raiz e folhas
Limãozinho do cerrado,	Rutaceae	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> lam.	Gripes e resfriados	Chá das folhas
Mangaba	<u>apocináceas</u>	<i>Hancornia speciosa</i>	Dores de barriga (disenteria)	Casca de infusão ao sereno, látex ou leite da árvore na água, suco da polpa da fruta é refrescante e limpa o sangue

Mamona		<i>Ricinus communis</i> L.	Inflamações em geral, cuidados pós parto, cicatrização do umbigo, hidratação,	Azeite para emplasto, beber em pequena quantidade, passar em cortes e feridas
Marmelada de cachorro		<i>Alibertia sessilis schum</i>	Refrescante das vias urinárias	Chá da folha Comer a fruta madura
Maria velha		<i>Não encontrado</i>	Depurativo do sangue	Chá da folha Comer a fruta madura
Mentrasta (erva de são João)		<i>Hypericum perforatum</i>	Febres e infecções em geral, anti-depressivo	Chá quente
Pacari do cerrado	Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i> a. St.-hil	Infecções, falta de apetite, feridas, fraturas, poderoso cicatrizante	Chá das folhas, emplasto do sumo das folhas, garrafadas da casca, infusão
Pau terra		<i>Qualea gradiflora</i>	Infecções intestinais, rins, fígado	Chá da folha ou do entre-cascas
Pequi	Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense cambess</i>	Infecções intestinais, rins e fígado	Chá da folha Frutos fazem parte da culinária goiana
Pega pinto		<i>Boerhavia, hirsuta</i>	Inflamações em geral, picadas de cobras, doenças crônicas reumatismo, artrite, tuberculose, hepatite,	Chá da raiz
Picão		<i>Bidens pilosa</i>	Infecções em geral, anemias, hepatite	Chá quente e banhos
Poejo	<u>lamiaceae</u>	<i>Mentha pulegium</i>	Febres, dores de barriga, infecções da gengiva (este é mais indicado para as crianças)	Chá quente
Quina	Rubiáceas	<i>Chichona vermelha</i>	Anemias, problemas na coluna, rins, fígado, estômago e esôfago	Chá de uma pequena quantidade casca, infusão da casca e passar uma noite no sereno
Sambaíba	Dilleniaceae	<i>Curatella</i> sp,	Calmante (folhas) cocho da madeira para infusão	Chá calmante (folhas) cocho da madeira para infusão de outros remédios caseiros
Sangra d`agua (achago)	Euphorbiaceae	<i>Croton urucurama</i>	Infecções, cicatrizante, prevenção e cura de doenças venéreas (dst), aumenta o apetite sexual	Chá da casca em quantidade moderada, sumo, óleo, garrafada, látex ou leite da árvore
Tibornia ou tiborna		<i>Synadenium grantii</i>	Limpeza do sangue – depurativo do sangue – contra câncer	Látex na água
Velame do cerrado	Apocynaceae	<i>Marosiphonia velame</i>	Infecções em geral, dores de cabeça, febres, contra vermes	Chá quente da raiz sapeca ao fogo

Sangue de cristo		Sabicea cana hook	Depurativo do sangue e vitamina natural contra gripe e doenças dst.	Comer a fruta Chá das folhas
Sucupira		<i>Pterodon emarginatus</i> ,	Doenças dst, pneumonia, hepatite, infecções do esôfago, reumatismo	Chá em pequena dosagem da semente ou castanha

Autor (Dinolau da Silva Rosa).

Percebemos através desse quadro, a imensa sabedoria popular presente na comunidade quilombola, seus saberes demonstrados no cotidiano, indicam-nos a dimensão de sujeitos das práxis, vinculados a terra, ao uso da mesma como forma de sustento da família em seus aspectos sociais, culturais e econômicos.

Terra é mais do que terra, entendendo que a terra conquistada na luta deixa de ser apenas terra, para ser terra com pessoas, buscando encontrar o melhor jeito de trabalhar e de viver nela, o que exige a preocupação com um conjunto bem maior de dimensões humanas, e com um tipo de organização que dê conta delas (CALDART, 2000, p. 89).

O valor dado a terra pelos quilombolas é visto claramente em seus depoimentos, por descreverem a mesma como berço da vida, do sustento e da continuidade de sua gente. Há que se pensar enquanto educação, o que fazer para que o espaço ambiental terra e todos os seus componentes continuem existindo como fonte de sustentabilidade e ressurgimento de variadas espécies de vidas.

Os entrevistados como mostra o quadro em anexo, demonstraram firmeza e auto confiança ao relatar sobre as plantas medicinais, a importância das mesmas para a saúde das pessoas da comunidade e a preocupação dos mesmos para com a preservação dos saberes locais sobre os usos de plantas medicinais.

CAPÍTULO III

O SABER POPULAR SOBRE O USO DE PLANTAS MEDICINAIS PESQUISADAS E AS CONTRIBUIÇÕES PARA O FAZER PEDAGÓGICO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SACO GRANDE – KALUNGA – MONTE ALEGRE DE GOIÁS

A educação do campo, por se tratar de uma Licenciatura em alternância, promove melhoria do ensino nas comunidades rurais, e ao contextualizar a mesma a educação quilombola, as perspectivas são ainda maiores. Os saberes populares quilombolas se destacam entre as demais comunidades, por tratar-se de especificidades únicas na cultura, nas crenças, na história, nos aspectos geográficos, na organização social e nas formas de produção.

A instituição escolar é um espaço privilegiado de legitimação de alguns saberes, objeto de estudo da educação e do processo pelo qual se vivencia conhecimentos e saberes já adquiridos nos espaços de vivências dos educandos. A produção baseada em concepções de significância propicia e constitui um saber, ou saberes populares e científicos. Quando rejeitamos esses saberes e o senso comum ou criticamos e menosprezamos os mesmos, enquanto cultura popular, estamos assim, dificultando também, uma melhor compreensão do conhecimento científico que necessita tornar-se comum a todos. O traço fundamental mais característico do senso comum é o de ser uma concepção "... desagregada, incoerente, inconsequente, adequada à posição social e cultural das multidões, das quais ele é a filosofia" (GRAMSCI, 1978, p.143).

O saber de cada grupo social resulta na produção significativa, e conforme sua condição social, cultural e econômica é ou não valorizada na sociedade. É nas práticas sociais cotidianas, que vivencia a necessidade de desenvolver mecanismos de luta pela sobrevivência, faz surgir os processos de resistência que constituem em outras práticas e discursos e assim formam novos saberes.

A ciência surgiu dos saberes populares, ou seja, das vivências e experiências de vida cotidiana dos seres humanos, que ao longo da história foram aperfeiçoando suas formas de lidar com a natureza, com o mundo, a vida social, a confecção de ferramentas de trabalho, entre outras. O saber sempre existiu aliado a capacidade de o homem ser um

animal racional, com características próprias, pensar, organizar as ideias, agir, produzir, entre outras habilidades.

Reck (2014, p.18), destaca que a Política Agrícola e a Reforma Agrária são desafios afetos a educação, justamente por ser a educação do campo maior que o ensino escolar. Assim, ao pensar o campo, a educação do campo, pensa-se em políticas que educam para a vida, para a vida do campo, para a vida no mundo. Diante deste pressuposto, é possível observar a importância de cada detalhe no contexto da educação quilombola, esta rica em diversidade e muitas vezes não entendida em sua complexidade maior.

Na comunidade quilombola, a história parece ter ficado estática, embora já tenha traços de modernidade e indícios de perda de alguns valores, entre eles: o uso de plantas medicinais, os benzimentos, entre outros. Naquele espaço, percebe-se com maior clareza a simplicidade de um povo, com características ainda muito próximas das descrições dos antigos livros que retratam os costumes tradicionais de séculos atrás. São peculiaridades que só existem em comunidades como estas, talvez por estarem distantes dos espaços urbanos e modernos, entre serras e vales, com difícil acesso. Daí que essas características devem ser pontuadas, estudadas e trabalhadas no contexto de mediação pedagógica do saber, ou seja, dos saberes populares e científicos unidos por uma causa maior, a preservação de uma identidade cultural de grande valia para toa sociedade.

A pesquisa sobre o tema *O saber popular da comunidade kalunga sobre os usos de plantas medicinais*, faz surgir ideias e demandas urgentes de revisão de conceitos de educação para a Comunidade Quilombola Kalunga, entre elas: a escrita de um livro sobre as plantas medicinais de toda a região do Sítio Histórico Quilombola, desenvolvimento de um Projeto de Pesquisa e Preservação de espaços ambientais onde há maior número de Plantas Medicinais e outros recursos naturais a serem preservados, desenvolvimento de um Projeto de Pesquisa e Preservação da Cultura e dos Costumes locais abrangendo: danças, crenças, músicas e cantigas de roda, entre tantas outras possibilidades. Essas ações e projetos embora necessitam de parcerias e recursos, podem ser iniciados pela própria comunidade escolar, podendo estender as parcerias a outras instituições como associações, órgãos competentes, fundações como a PALMARES por exemplo.

As idéias elencadas anteriormente podem resultar em um trabalho pedagógico de grande valia e significado para o educador, educandos e toda a comunidade quilombola. Neste contexto, o currículo educacional e todas as temáticas que o compõe

(eixos, conteúdos, expectativas) devem ser ajustados ao projeto escolhido para desenvolver na comunidade. É importante que o educador seja preparado, e que saiba utilizar de todas as ferramentas pedagógicas entre elas: pesquisa informal, pesquisa formal científica, planejamento, replanejamento, diálogo constante com os educandos e comunidade, fortalecimento e articulação de parcerias internas e externas, intervenção comunitária com respeito às diferenças e principalmente aos saberes populares da comunidade.

Ao se tratar das plantas medicinais, tema deste trabalho, a mediação do saber popular e científico vão dialogar com grande precisão, facilitando a compreensão dos alunos, a caracterização e a diferenciação de um saber para o outro e a importância de ambos para o bem estar da comunidade e da sociedade. A interdisciplinaridade também será de grande proveito, o tema dialoga em grande parte com todas as disciplinas do ensino fundamental, facilitando o trabalho pedagógico do educador. É importante lembrar que o desenvolvimento da prática pedagógica diante da proposta apresentada exige contextualizar o ensino dos saberes locais, regionais e globalizados.

No quadro de entrevistas em anexo, pode se observar nas falas de cada entrevistado, demandas e desejos de uma educação que viabilize o diálogo entre saber científico e saber popular.

A escola é importante, ensina muita coisa, podia ensinar mais as coisas nossa, esses novatos nem sabe fazer um chá, um remédio pra dor de barriga, logo querem ir no médico. (Entrevistado I)

Ao ser perguntada se participaria de um trabalho de resgate, um projeto na comunidade sobre os saberes populares, a entrevistada logo responde:

Seria muito importante a escola e os professores preocupar com nossa cultura, pois essa modernidade ai ta destruindo nossos jeitos de viver, eu participaria com muito prazer. (Entrevistada II)

Fica claro que a comunidade quer participar da escola, ou seja, há a possibilidade de um diálogo pedagógico capaz de transformar a realidade da comunidade para melhor. O papel da escola e mediar uma prática de ensino capaz de promover o bem estar de sua comunidade, ou seja, valorizar suas tradições, divulgar e preservar seus valores de modo a promover a sustentabilidade de seus educandos e familiares em comum acordo as especificidades ambientais locais.

Acho que a escola já faz o que deve fazer, mas eu gostaria que a escola ensinasse as crianças a amar a natureza, cuidas das coisas de nossa terra, viver tudo isso com amor e respeito. Os jovens vives desfazendo dos nossos saberes. (Entrevistado III).

Diante do pressuposto, a pesquisa contribuiu para que se pudesse pedagogicamente olhar para a comunidade quilombola como importante espaço de diálogo, de parcerias e de grande riqueza cultural, social, ambiental e econômica para melhor mediar o fazer pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação mediadora só ocorre diante de ações e projetos significativos à comunidade escolar. Não basta um currículo perfeito, uma listagem de conteúdos e expectativas de ensino ordenados com extrema eficácia, é necessário diálogo entre o que se ensina (saber científico) e o que se vive na íntegra na comunidade (saber popular).

Nesse contexto da educação do campo, se anseia por preservação de valores, por reorganização social, cultural e econômica no espaço rural, este, em constante perda de identidade, devido ao fechamento de escolas rurais e o árduo percurso feito pelos educandos camponeses por meio de transportes escolares e estradas em péssimas condições de uso.

Ao fechar as escolas rurais, o sistema de ensino e os governantes nem se quer pensaram no grande e negativo impacto desta transformação na vida das famílias camponesas. E ainda não pensaram em um currículo que atenda as especificidades desses educandos. Mesmo nas escolas que ainda permanecem no campo, o ensino ainda não atende as demandas existentes, permanecendo um ensino com linguagem e significados urbanos, causando desinteresse nos educandos camponeses pela aprendizagem ofertada.

Diante da realidade, surge a Licenciatura em Educação do Campo – LEDOC, principal perspectiva de transformação desta realidade e ressignificação do ensino para o cidadão camponês e suas especificidades. É através da LEDOC, que esta sendo possível rever a prática pedagógica e melhor estabelecer diálogos e parcerias que possibilitam a cada dia melhorar a qualidade do ensino.

As tradições das comunidades rurais, com as culturas e os costumes próprios desses espaços, são vistas numa nova concepção pedagógica, como forma de melhor intervir na comunidade, dando significados ao ensino, atrelados aos saberes populares e em diálogo com o saber científico.

O saber popular e o uso de plantas medicinais na Comunidade Saco Grande – Kalungas de Monte Alegre de Goiás, no contexto desta pesquisa, fez surgir questionamentos e possíveis respostas de como mediar um ensino capaz de promover na comunidade a preservação, o sentimento de fazer parte do ensino e da instituição escolar. A pesquisa aponta novos direcionamentos e realinhamentos do fazer pedagógico, destacando que a comunidade pesquisada tem potenciais de escrever livros, gravarem

documentários, com a participação efetiva e crítica dos próprios moradores, que com seus próprios saberes conhece melhor suas especificidades sociais, culturais e econômicas.

A Licenciatura em Educação do Campo – LEDOC proporciona uma estreita relação e parceria com o saber popular e em se tratando das plantas medicinais enriquece o fazer pedagógico e promove diálogo entre escola e comunidade. A formação citada vem de encontro aos anseios de uma educação do campo, construída no campo, pelos seus sujeitos partícipes de uma realidade que deseja valorizar, preservar e divulgar sua cultura, saberes e modos de viver e de sustentar-se positivamente na relação com a natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAIOCCHI, Mari de Nazaré. (org) *KALUNGA: histórias e adivinhações*. Goiânia GO: Gráfica e Editora Vieira, 2010.
- BARBOSA, Sônia. R. C. S. *Qualidade de vida e suas metáforas. Uma reflexão socioambiental*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas/SP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- BORELLI, Silva Helena S. *Memória Temporalidade: Diálogo Entre Walter Benjamin e Heri Bergson*. São Paulo: 1992.
- CALDART, Roseli Salete. **Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção**. In: **Por Uma Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas**. Caderno 4. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002, p. 25-36.
- CASTRO, Edna. *Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais*. In: DIEGUES, Antônio Carlos (org.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Hucitec, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações em Áreas Úmidas Brasileiras – NUPAUB/USP, 2000.
- DOURADO, Martha Fellows. *Política pública e construção participativa: análise da política nacional de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais*. Planaltina DF: (Monografia) UnB, 2012.
- DIEGUES, Antônio. C.; ARRUDA, Rinaldo. S. V. *Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil*. Brasília: MMA, 2001.
- ELISABETSKY, E. **Etnofarmacologia como Ferramenta na busca de substâncias ativas**. In: SIMÕES C.M.O et. al. *Farmacognosia: da planta ao medicamento*. 4. Ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS; Ed. da UFSC 2002.
- FEEK, Warren; MORRY, Chris (2003). *Communication and natural resource management*. Roma: FAO.
- FREIRE, Paulo, 1921-1997, **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** - 42. Ed.- São Paulo, Cortez, 2001.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HOGAN, Daniel. *Um breve perfil ambiental do Estado de São Paulo*, Campinas: NEPO/UNICAMP, 2000.

HOGAN Daniel; MARANDOLA, Eduardo. *Para uma conceituação interdisciplinar da vulnerabilidade*. In: CUNHA, José Marcio P (org.). *Novas metrópoles paulistas. População, vulnerabilidade e segregação*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2006.

KOSIK, Karel - **Dialética do Concreto**, 2ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1976.

LIMA, L. N. M.; ALMEIDA, M. G., **A identidade territorial Kalunga e perspectivas**. Goiás – GO, 2011.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

PESSOA, Jadir de Moraes (Org.). **Educação e ruralidades** - Goiânia: Editora UFG, 2007.

PINTO, Érika P. P.; AMOROZO, Maria M.; FURLAN, Antônio. *Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil*, 2006.

RECK, Jair. **Fundamentos teóricos e práticos da Educação do Campo I e II**. / Jair Reck e Raquel Alves de Carvalho. Cuiabá-MT : EdUFMT, 2014.

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. *Saberes e fazeres tradicionais do cerrado: sabão de Tingui (Margonia Pubescens)* Brasília DF: Decanato de Extensão UnB, 2012.

WEB GRAFIA

http://www.unb.br/aluno_de_graduacao/cursos/educacao_do_campo - acesso em 18/11/2014

http://www.unb.br/aluno_de_graduacao/cursos/educacao_do_campo - acesso em 18/11/2014

<http://poderdasfrutas.com/categoria/baru/> - acesso em 26/11/2014

<http://www.ppmac.org/?q=content/batata-de-purga> - acesso em 25 -26/11/2014

**<http://www.remedio-caseiro.com/conheca-os-maravilhosos-beneficios-mastruz/> -
acesso em 28/11/2014**

<http://www.cnpa.embrapa.br/produtos/mamona/> - acesso em 28/11/2014

ANEXOS

Entrevistas:

Questionário I

Comunidade Quilombola Saco Grande

Professor	
Entrevistados:	I - Jorge da Silva Santiago II - Hermina dos Santos Rosa III - Manoel da Silva,
Escola:	
1. Quais os espaços ambientais encontram-se maior número de espécies de plantas medicinais?	I – aqui em todos os lugares, no cerrado e nas matas se encontram muitas plantas para fazer remédios. II – no cerrado e nas chapadas lá encima da serra. III – Em qualquer canto tem plantas próprias para curar doenças, no cerrado encontra muitas.
2. Esses espaços estão sendo preservados? Se não o que a comunidade pretende fazer para preservar?	I – Mais ou menos, as plantações e a criação de animais acabam obrigado as pessoas a roçar, queimar, abrir caminhos e assim vão destruindo as plantas. É sempre bom deixar um lugar recompor os matos, assim as plantas nascem novamente. II – a necessidade plantar e criar animais as vezes faz as pessoas a limpar a terra, mas como vê há muitos lugares preservados ainda. III – acho que mudou muitas coisas, devido a lavoura, a criação de bichos, mas não há muita destruição ainda. O conselho que dou é saber plantar e criar os bichos, deixando matas, cerrado virgem para agente usufruir das coisas da natureza como as plantas que são remédios.
3. Existe a preocupação da própria comunidade	I – Nunca pensei nisso, mas seria bom as pessoas conhecer mais.

<p>catalogar as plantas conforme nome popular, nome científico, propriedades medicinais, orientações de uso, entre outras?</p>	<p>II – bom mesmo seria escrever um livro das plantas nossas aqui, com desenhos bem coloridos igual esses livros da escola.</p> <p>III – Olha, seria muito bom, assim até as pessoas daqui valorizava mais.</p>
<p>4. O que o senhor (a) propõe que a escola enquanto espaço de aprendizagem possa fazer para contribuir com os saberes populares da comunidade em especial o uso de plantas medicinais?</p>	<p>I – A escola é importante, ensina muita coisa, podia ensinar mais as coisas nossa, esses novatos nem sabe fazer um chá, um remédio pra dor de barriga, logo querem ir no médico.</p> <p>II – Eu penso que a escola deve ensinar as crianças a cuidar delas, da natureza, sem ficar viciada nas coisas da cidade.</p> <p>III – Acho que a escola já faz o que deve fazer, mas eu gostaria que a escola ensinasse as crianças a amar a natureza, cuidas das coisas de nossa terra, viver tudo isso com amor e respeito. Os jovens vives desfazendo dos nossos saberes.</p>
<p>5. O senhor (a) participaria de um projeto de resgate e preservação de valores e da cultura local?</p>	<p>I – E ajudaria, se for para o bem nosso.</p> <p>II – Seria muito importante a escola e os professores preocupar com nossa cultura, pois essa modernidade ai ta destruindo nossos jeitos de viver, eu participaria com muito prazer.</p> <p>III - Nós estamos aqui pra ajudar a escola e os professores. Estou pronto pra ajudar nosso povo a enxergar melhor o Kalunga e respeitar tudo que temos.</p>

Questionário II

Comunidade Quilombola Saco Grande

Professor:	
Entrevistados:	I - Jorge da Silva Santiago II - Hermina dos Santos Rosa III - Manoel da Silva,
Escola:	
1. Como surgiu o uso de plantas medicinais na comunidade Saco Grande?	<p>I – Dizem os mais velhos que esse costume é antigo, veio com agente desde a África, surgiu devido as dificuldades de ir na cidade, fazer consultas, exames no médico.</p> <p>II – A muitos anos, nossos avós diziam que não havia doutores, agente se virava para tratar das doenças, dos machucados, das ferroadas de bichos na roça, ai o jeito era usar plantas como remédios.</p> <p>III – eu acredito que foi devido a falta de recursos, de médicos, as dificuldades de chegar na cidade, o jeito era inventar um tratamento para cada problema.</p>
2. Qual é a importância do uso dessas plantas medicinais na comunidade Saco Grande?	<p>I – Muita importância, sem elas nós já tinha morrido. Aqui não tem médicos, a cidade fica longe, falta transporte, então as plantas é nosso socorro.</p> <p>II – As plantas é importante pra nós, porque sem usar as plantas, agente fica doente, precisa de ir pra cidade internar, é muito sofrimento, porque até chegar na cidade a doença já matou agente, devido a distancia.</p> <p>III – As plantas são nossos doutores, o mato acaba que sendo nosso hospital, porque encontramos os remédios certinho para nossas doenças. Então elas</p>

	são muito importantes.
3. Quais as plantas medicinais existem na comunidade Saco Grande?	I, II, III – Aroeira, Araçá, Arnica do Cerrado, Arnica de Casa, Assa-Peixe, Arrebenta Boi, Ananás (Abacaxi do Mato), Algodãozinho do Mato, Alecrim do Campo (Vassourinha), Açoita Cavalo, Artelãozinho Caseiro, Cansação, Crsita de Galo, Amesca, Batatão (Batata de Purga – Jalapa-Brasileira), Bacuri (Coco), Babosa, Barbatimão, Boldo Caseiro, Carrapicho de Carneiro, Caninha de Macaco, Capim Pé de Galinha, Capim Santo, Erva Cidreira, Erva Doce, Fedegoso, Fedegoso Bravo (Mata Passo), Garapiá, Jatobá, Jacarandá, Jervão do Cerrado, Limãozinho do Cerrado, Mangaba, Mastruz, Mamona, Marmelada de cachorro , Maria Velha Mentrasta (Erva de São João), Pau Terra, Pacarí, Picão, Pequi, Pega Pinto, Puejo, Quina, Sambaíba, Sangue de Cristo, Sangra D'Água, Sete Dor, Sucupira, Tibórnia, Velame Branco do Cerrado,
4. Como a comunidade Saco Grande utilizam essas plantas no dia a dia?	I, II, III – Fazemos chás, escalda pés, banhos, deixamos de infusão no sereno, garrafadas, pó e torrados pra constipação, gripe e sinusite.
5. O uso de plantas medicinais esta sendo substituído por medicamentos de farmácias? Porque?	I – Ta sim, porque esses povo novo só quer saber de médico, de viver nas farmácias da cidade comprando remédio até pra gripe e dor de barriga. II – A modernidade chegou e as pessoas dizem que os remédios caseiros não faz mais efeitos e ai vão no médico e o médico da receita pra comprar os remédios de farmácias. III – Muitos quando vai na cidade faz isso, mas quando a coisa aperta mesmo e não tem como ir na cidade, o jeito é valer de remédio do mato mesmo.
6. Quais doenças já foram curadas com	I, II, III – Coqueluche, Sarampo, gripe, febre,

o uso de plantas medicinais?	pedras nos rins, dor de barriga, vermes, dor de cabeça, coluna, inchaço do fígado, pneumonia, bronquite, asma, dor de dente, ...
7. Existe um ritual, uma forma especial de colher alguma planta medicinal?	<p>I – Não. As plantas são coisas de Deus, precisa de respeito e cuidado, não pode ir arrancando de qualquer jeito.</p> <p>II – O melhor dia de colher plantas pra remédio é na sexta – feira Santa bem cedinho, antes do sol sair.</p> <p>III – A colheita das plantas para remédios precisa de cuidados como silêncio, respeito a natureza, não estragar todo o pé da planta, a não ser que precise realmente de arrancar a planta toda.</p>

Fotos de algumas Plantas Medicinais (fotografadas aos arredores da escola.







Maria Velha



Jatobá



Mansansão



Carapiá ou Garapiá



Velame Branco



Pau Terra







Ananás (abacaxi do cerrado)



Arrebenta Boi



Assa Peixe



Mapas 1 e 2 de Localização e identificação de áreas, estradas, comunidades e outros.

Mapa 1



